

**I**magine-se na seguinte situação: seu país está sendo destruído por uma guerra civil e não oferece mais segurança para você e sua família. Você foge com sua família, o mais importante é a vida de todos. Pense noutra situação: não há condição de continuar vivendo no Agreste nordestino e então você, deixando a família, vai tentar a sorte no “Sul Maravilha”. Agora numa terceira: você, indígena, vive num país sul-americano de regime ditatorial e, por falta de condições de sobrevivência, com sua família e a de vários outros índios atravessa a fronteira em direção ao estado de Roraima, à procura de uma vida melhor.

Ou seja, quaisquer que sejam as alternativas acima, você é um “ET”. Não se sente acolhido em seu novo país, as pessoas na rua o olham com desconfiança, o hostilizam. Você não sabe o que fazer e, em raros casos, consegue se comunicar a contento. Sente-se perdido – e você pode ser tanto um homem quanto uma mulher, tanto faz, os problemas são os mesmos. Este dossiê, de atualidade clarividente, discute exatamente isso. “Interculturalidades” trata dessas questões e problematiza as coisas um tanto mais. Por exemplo, como fica a situação absurda dos mais de 10 milhões de apátridas do mundo, que sequer têm um país para chamar de seu?

De todos os aspectos e análises, exposições e reflexões sobre refugiados, imigrantes e emigrantes – que é do que se trata aqui –, eu gostaria de citar uma das contribuições mais felizes deste nosso número, qual seja, a entrevista dos articulistas com o antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga, que vivenciou todas as situações imaginadas acima, antes de se fixar no Brasil, onde ficou – em sua carreira estudantil – aos cuidados de um Professor Emérito da USP, João Baptista Borges Pereira.

Se o leitor se dispuser a bater o olho apenas nesta tocante (e dramática) entrevista, já poderá se dar por satisfeito, e os demais textos do dossiê podem ampliar sua visão sobre um dos temas mais contundentes que o planeta vive hoje. Somos muito gratos a Sylvia Dantas, coordenadora deste trabalho, sob os auspícios do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, que nos brinda com este material simplesmente fantástico, que poderia ser descrito como “os deserdados do mundo”.

**Francisco Costa**